



O discurso da mídia na construção das representações sociais da Açominas¹

Jandira Carla Botelho Menezes, Junia Maria Ferrari de Lima e Gisela Barcellos de Souza

Jandira Carla Botelho MENEZES

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Escola de Arquitetura; Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS); jcarlamenezes1@gmail.com

Junia Maria Ferrari de LIMA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Escola de Arquitetura; Departamento de Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS); juniaferrari15@gmail.com

Gisela BARCELLOS DE SOUZA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Escola de Arquitetura; Departamento de Urbanismo; Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS); gisela.barcellosdesouza@gmail.com

MENEZES, Jandira Carla Botelho; LIMA, Junia Maria Ferrari de; BARCELLOS DE SOUZA, Gisela. O discurso da mídia na construção das representações sociais da Açominas. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e 709, jun. 2026

data de submissão: 20/04/2026

data de aceite: 03/06/2026

DOI: 10.51924/revthesis.2026.v11.709

¹ Os autores agradecem aos pareceristas pelas valiosas contribuições, comentários e sugestões durante o processo de revisão por pares, pois foram fundamentais para o aprimoramento da qualidade, clareza e rigor deste trabalho.

Contribuição de autoria: Curadoria de dados; Análise; Metodologia; Validação; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: MENEZES, J. C. B.; LIMA, J. M. F.; BARCELLOS DE SOUZA, G. Supervisão: LIMA, J. M. F.; BARCELLOS DE SOUZA, G. Coleta de dados: MENEZES, J. C. B.

Conflitos de interesse: As autoras certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Não possui.

Uso de I.A.: Neste artigo foi utilizada a ferramenta ChatGPT (OpenAI, modelo GPT-5.5), na etapa de finalização do texto, para otimizar o resumo, realizar revisões ortográficas e gramaticais, padronizar referências bibliográficas e legendas, e melhorar a qualidade visual da Figura 03. Todas as sugestões foram revisadas e validadas pelas autoras.

Editores responsáveis: Isis Pitanga e Rodrigo Scheeren.

Resumo

A industrialização brasileira, impulsionada pelo Estado entre as décadas de 1960 e 1970, esteve ancorada em um discurso desenvolvimentista que articulava modernização e progresso como fundamentos para a reestruturação do território. Em Minas Gerais, esse processo foi orientado por políticas de planejamento que viabilizaram a implementação de grandes projetos industriais. Nesse contexto, destaca-se a instalação da siderúrgica Aço Minas Gerais (Açominas), entre 1976 – com a declaração de utilidade pública das áreas em Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete – e 1986, ano de sua inauguração. O presente trabalho investiga como esse empreendimento foi representado na imprensa local, considerando seu papel na legitimação das transformações territoriais no Alto Paraopeba. Para tanto, realiza-se a análise de conteúdo de matérias e reportagens publicadas nos jornais *O Processo* e *Panorama*, com base na teoria das representações sociais de Serge Moscovici. Os resultados indicam a predominância de um discurso técnico e otimista, no qual o empreendimento é ancorado em categorias socialmente legitimadas, como progresso, desenvolvimento e geração de empregos, ao mesmo tempo em que é objetivado por meio da recorrência de dados técnicos, projeções e descrições de infraestrutura que o apresentam como realidade concreta e consolidada. Esse enquadramento associa a industrialização à modernização, ao passo que atenua ou silencia conflitos sociais, impactos territoriais e tensões políticas. Ao destacar esses processos, o estudo contribui para a compreensão dos mecanismos que sustentaram e naturalizaram projetos desenvolvimentistas no Brasil. **Palavras-chave:** açominas, industrialização, representações sociais, discurso.

Abstract

*Brazilian industrialization, driven by the State between the 1960s and 1970s, was anchored in a developmentalist discourse that framed modernization and progress as the foundations for territorial restructuring. In Minas Gerais, this process was guided by planning policies that enabled the implementation of large-scale industrial projects. Within this context, the installation of the Aço Minas Gerais (Açominas) steel mill stands out, spanning from 1976 – marked by the declaration of public utility for the areas of Ouro Branco and Conselheiro Lafaiete – to its inauguration in 1986. This study investigates the representation of this undertaking in the local press, considering its role in legitimizing territorial transformations in the Alto Paraopeba region. To this end, a content analysis of articles and reports published in the newspapers *O Processo* and *Panorama* was conducted, based on Serge Moscovici's Theory of Social Representations. The results indicate a predominance of a technical and optimistic discourse, in which the undertaking is anchored in socially legitimized categories such as progress, development, and job creation, while simultaneously being objectified through recurring technical data, projections, and infrastructure descriptions that present it as a concrete and consolidated reality. This framing associates industrialization with modernization, thereby attenuating or silencing social conflicts, territorial impacts, and political tensions. By highlighting these processes, the study contributes to the understanding of the mechanisms that have sustained and naturalized developmental projects in Brazil.*

Keywords: açominas, industrialization, social representation, discourse.

Resumen

La industrialización brasileña, impulsada por el Estado entre las décadas de 1960 y 1970, se fundamentó en un discurso desarrollista que articulaba la modernización y el progreso como pilares

de la reestructuración del territorio. En Minas Gerais, este proceso se guió por políticas de planificación que posibilitaron la ejecución de grandes proyectos industriales. En este contexto, destaca la instalación de la siderúrgica Aço Minas Gerais (Açominas), entre 1976 – con la declaración de utilidad pública de las zonas de Ouro Branco y Conselheiro Lafaiete – y 1986, año de su inauguración. Este trabajo investiga cómo se representó esta iniciativa en la prensa local, considerando su papel en la legitimación de las transformaciones territoriales en el Alto Paraopeba. Para ello, se realiza un análisis de contenido de artículos y reportajes publicados en los periódicos O Processo y Panorama, basado en la teoría de las representaciones sociales de Serge Moscovici. Los resultados indican el predominio de un discurso técnico y optimista, en el que la iniciativa se fundamenta en categorías socialmente legitimadas como progreso, desarrollo y creación de empleo, a la vez que se objetiva mediante la recurrencia de datos técnicos, proyecciones y descripciones de infraestructura que la presentan como una realidad concreta y consolidada. Este enfoque asocia la industrialización con la modernización, atenuando o silenciando los conflictos sociales, los impactos territoriales y las tensiones políticas. Al destacar estos procesos, el estudio contribuye a la comprensión de los mecanismos que han sostenido y naturalizado los proyectos de desarrollo en Brasil.

Palabras-clave: Açominas, industrialización, representaciones sociales, discurso.

Introdução

A industrialização brasileira, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, esteve associada a um projeto desenvolvimentista de Estado, cujo discurso apoiou-se no tripé crescimento econômico, modernização e progresso. Esse projeto orientou políticas públicas e investimentos que foram determinantes para a reestruturação de algumas regiões do país, com impactos diretos nas estruturas espaciais, sociais e econômicas de algumas cidades e regiões. Em Minas Gerais, a indústria da mineração foi central na consolidação desse projeto, transformando cidades em regiões como o Vale do Aço – Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo –, bem como do Alto Paraopeba – Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete. Tamanha transformação não seria possível sem a construção de um discurso que não somente legitimou esses empreendimentos, como também contribuiu para alterar as representações sociais – entendidas aqui na definição de Moscovici (1984) – anteriormente consolidadas nesses territórios. A ênfase em uma narrativa de progresso e desenvolvimento adotada à época, especialmente pelas mídias locais, atenuou os efeitos conflitivos desse projeto.

O presente artigo tem como objetivo desvelar como os periódicos locais construíram e difundiram para as

² Os critérios de inclusão das matérias consideraram: (i) aquelas que tinham como referência a implantação da usina, respeitando-se o recorte temporal pesquisado (1970/1980); (ii) e cujos conteúdos se relacionassem com as expectativas em relação ao empreendimento.

comunidades da região uma imagem do empreendimento associada às ideias de progresso, modernização e desenvolvimento². Ao privilegiar esse horizonte projetivo, tais narrativas produziram uma perspectiva orientada para o futuro (que afinal não se realizou como prometido). Em síntese, o artigo propõe discutir como essas narrativas midiáticas articularam representações sociais – apoiadas num ideário de progresso e desenvolvimento local – a fim de urdir e enraizar um discurso legitimador do projeto desenvolvimentista. Para tanto, propõe-se analisar reportagens veiculadas pela mídia da região do Alto Paraopeba, entre as décadas de 1970 e 1980, acerca da implantação da siderúrgica estatal Aço Minas Gerais S.A. (Açominas) em Ouro Branco (MG).

Durante a divulgação e implantação da Açominas, a imprensa regional de Conselheiro Lafaiete exerceu papel relevante na circulação de narrativas sobre o empreendimento, veiculadas sobretudo pelos jornais *O Processo* e *Panorama*, ativos entre as décadas de 1970 e 1980. Fundado em 26 de julho de 1972, *O Processo* circulou com periodicidade predominantemente quinzenal – em alguns momentos, mensal – até o início de 1979. O periódico foi idealizado e dirigido inicialmente por Alexandre Antônio Nepomuceno, cirurgião-dentista, bacharel em Direito e escritor com participação ativa na vida cultural e política local, reunindo também estudantes da Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete em sua estrutura editorial. Conforme registrado em seu obituário, Nepomuceno “conseguiu mobilizar toda a população para o momento que Conselheiro Lafaiete atravessava, impulsionado, principalmente, pela expansão industrial na região” (Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, 2009, p. 293), o que sugere uma posição influente do editor nos debates locais relacionados às transformações econômicas e sociais fomentadas pela industrialização.

Já o jornal *Panorama*, publicado entre 1978 e 1979 e redigido por Alberto Libânio Rodrigues – jornalista, professor e um dos fundadores da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete –, estabeleceu-se como um veículo de comunicação voltado para as notícias da dinâmica regional. Segundo o relato de Milagre (2009), a criação do periódico coincide com a fase de “implantação da Aços Minas Gerais [Açominas], em Ouro Branco, nos anos 70”, período em que, segundo ele, a imprensa local passava por uma transição em seus modelos de atuação.³ Segundo a mesma fonte, Alberto Libânio, a partir de sua experiência na área e sua participação na fundação da Associação

³ Cabe observar que o Ato Institucional nº 5 (AI-5), implementado em 1968, consolidou, no início da década de 1970, mecanismos de censura prévia à imprensa, exigindo aprovação governamental para as publicações jornalísticas. A suspensão formal da censura prévia ocorreria apenas em 1978, no contexto da abertura política do regime militar.

dos Jornais do Interior de Minas Gerais (ADJORI-MG) em 1982, buscou desvincular-se do “partidarismo político interiorano” que caracterizava as publicações anteriores, propondo uma linha editorial voltada a apoiar o “empreendedorismo e a administração” (Milagre, 2009).

O artigo está organizado em quatro seções principais, além desta introdução. A primeira apresenta o referencial teórico que embasa a discussão, ou seja, os conceitos de ideologia, discurso e representações sociais. A segunda seção examina a implantação da Açominas no âmbito do planejamento desenvolvimentista em Minas Gerais, situando o empreendimento no contexto das estratégias de modernização e industrialização regional. A terceira seção, por sua vez, analisa as representações construídas pela imprensa regional, interpretando os sentidos atribuídos ao empreendimento e perscrutando silenciamentos presentes nesse discurso. Por fim, o artigo se encerra com as considerações finais acerca das análises realizadas.

Ideologia, Discurso e Representações Sociais

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels (2019) formulam as bases de sua concepção materialista da história, além de discutirem a relação entre consciência e ideologia. Eles criticam os pensadores do movimento jovem hegeliano, tais como Feuerbach, Bauer e Stirner, que postulavam ser a transformação social decorrente das ideias – o que configuraria, segundo Marx, uma confusão entre realidade linguística e fenomenal, uma versão idealista da realidade. Marx sintetiza essa visão como uma forma de falsa consciência, ou seja, uma maneira de se internalizar e exteriorizar as relações consigo e com o mundo de forma invertida (análogo a uma câmera escura de fotografia), ao que de fato se dá na realidade. Nessa perspectiva, a ideologia seria uma ideia desconectada da vida material, e as relações sociais vistas como consequência das ideias, e não das condições materiais que as produzem (Marx; Engels, 2019).

Eagleton (1997), por sua vez, defende uma noção mais ampliada de ideologia. Segundo ele, é necessário abandonar essa perspectiva epistemológica do conceito de ideologia – de falsa consciência – em favor de um sentido mais amplo – político, sociológico e em sua relação com o discurso. Para o autor, “a ideologia é antes uma questão de ‘discurso’ que de ‘linguagem’ – mais uma questão de certos efeitos discursivos concretos que de significação como tal” (1997, p. 194).

Essa inflexão permite compreender a ideologia não apenas como um conjunto de ideias, mas como discursos que servem para sustentar interesses sociais e políticos específicos.

Na perspectiva de Antonio Gramsci também é possível identificar um deslocamento em relação à formulação de Marx e Engels. Para o autor, a ideologia não deve ser compreendida como simples distorção da realidade ou como consciência invertida, mas sim como uma concepção de mundo historicamente produzida, incorporada às práticas sociais e inscrita em hábitos, valores, linguagem, moral, direito e instituições. Nessa perspectiva, Gramsci introduz o conceito de hegemonia, entendido como a forma política pela qual uma ideologia se torna socialmente dominante, exercendo direção intelectual e moral sobre a sociedade. A ideologia se expressa “na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (Gramsci, 2000, p. 98), ou seja, tem papel estruturante na dinâmica social.

Diferentemente desses autores, Pierre Bourdieu evita o uso do conceito de ideologia por considerá-lo excessivamente vinculado a uma lógica da consciência e da representação. Em seu lugar, propõe a noção de dominação simbólica, entendida como o processo pelo qual significados e visões de mundo produzidos por grupos dominantes se impõem como legítimos, naturais ou neutros, orientando práticas e percepções sociais sem necessidade de coerção direta. Esse processo apoia-se no capital simbólico – prestígio, reconhecimento e autoridade socialmente legitimados – apropriado por grupos dominantes, como elites culturais, técnicas, educacionais e midiáticas, que passam a definir o que é considerado legítimo e valioso na sociedade (Bourdieu, 1989). Para o autor, os meios de comunicação ocupam posição privilegiada na produção de uma visão legítima do mundo social, uma vez que detêm o poder performativo da linguagem. A eficácia simbólica do discurso jornalístico, portanto, não decorre apenas de seu conteúdo, mas da autoridade institucional que o sustenta.

O interesse pelo papel da imprensa na construção do mundo social também foi explorado por Moscovici (1978), porém sob chave conceitual diversa – das Representações Sociais. De acordo com o psicólogo, as representações sociais são constituídas por figuras e expressões socializadas. Ainda que possam atender a necessidades específicas, responder a estados de desequilíbrios ou serem produzidas por um grupo social “para filtrar informações do ambiente e, assim,

controlar o comportamento individual”, o “propósito de todas as representações é tornar algo desconhecido, ou a própria estranheza, em algo familiar” (Moscovici, 2001 p. 37). Diferente das representações coletivas de Durkheim – estruturas estáticas e coercitivas –, as representações sociais de Moscovici possuem um caráter mais dinâmico, configurando construções ativas. Ao contrário de seu entendimento como simulacros ou como reflexo de objetos e de feixes de ideias exteriores, ao destacar o aspecto ativo das representações sociais, Moscovici aponta para seu papel na construção do mundo social:

(...) devemos encará-la [a representação social] de modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situações constituídos por (e no decurso de) miríades de interações sociais. Ela reproduz, é certo. Mas essa reprodução implica em um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ela se torna doravante solidária. Por isso, uma representação fala tanto quando mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes (Moscovici, 1978, p. 26).

Para Moscovici (2001, p. 42), as representações não podem ser tomadas como certas ou mesmo como variáveis explicativas. O processo de familiarização é construído por dois mecanismos: ancoragem e objetivação. Pelo primeiro mecanismo, procura-se “ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, inseri-las num contexto familiar”, no qual somos capazes de compará-las e interpretá-las. Pelo segundo, transforma-se algo abstrato em concreto, reproduz-se “o que está na mente para o mundo físico”, posiciona-se-o entre as coisas que podemos tocar e controlar. Nesse contexto, textos de jornais podem promover tanto a ancoragem de eventos novos ou desconhecidos, servindo para nomeá-los e classificá-los, como também podem contribuir para sua objetivação⁴.

Nesse sentido, a ancoragem corresponde ao processo pelo qual objetos, acontecimentos ou ideias são integrados a sistemas de interpretação socialmente compartilhados, passando a ser compreendidos à luz de categorias, valores e julgamentos já existentes. Como observa Moscovici (2001, p. 43), “classificando o que é inclassificável e nomeando o que é inominável, somos capazes de imaginá-lo e representá-lo”. Dessa

⁴ Em seu famoso estudo sobre a psicanálise, Moscovici (1978) chegou a examinar as representações sociais da teoria freudiana por meio da análise de conteúdo da imprensa francesa.

forma, a ancoragem além de tornar o novo inteligível, também orienta avaliações e posicionamentos sociais, uma vez que toda classificação implica a inserção do objeto em uma hierarquia de valores preexistente. A objetivação, por sua vez, refere-se ao movimento pelo qual ideias e conceitos deixam de ser percebidos como construções abstratas e passam a assumir a aparência de realidades concretas. Segundo Moscovici (2001, p. 49), esse mecanismo “satura a ideia de não familiaridade com realidade, transformando-a na própria essência da realidade”. O processo ocorre mediante a produção de imagens que condensam e materializam sistemas mais amplos de significados, tornando-os visíveis e acessíveis à experiência cotidiana. Como destaca o autor, objetivar significa “descobrir a qualidade icônica de uma ideia imprecisa ou de um ser, reproduzir um conceito em uma imagem” (Moscovici, 2001, p. 49). À medida que essas imagens circulam socialmente, elas tendem a adquirir autonomia em relação aos conceitos que lhes deram origem, de modo que “a imagem do conceito deixa de ser um signo e torna-se uma réplica da realidade” (Moscovici, 2001, p. 51). O resultado é o apagamento gradual da distinção entre representação e objeto representado, fazendo com que construções simbólicas sejam percebidas como fatos naturais e evidentes.

No contexto da implantação da Açominas em Minas Gerais, buscou-se analisar as narrativas veiculadas pela imprensa local acerca do empreendimento, com o objetivo de compreender os sentidos produzidos e difundidos em torno de sua instalação. Foram examinadas as associações estabelecidas entre a siderurgia e noções de desenvolvimento, progresso e modernização, observando como esses significados eram mobilizados no discurso jornalístico e apresentados como perspectivas desejáveis para a região. A partir do referencial das representações sociais (Moscovici, 1978), investigou-se de que maneira tais discursos participaram da construção e da circulação de interpretações que conferiam legitimidade ao projeto da Açominas.⁵

A implantação da Açominas no contexto do planejamento desenvolvimentista em Minas Gerais

A implantação da usina siderúrgica da estatal Aço Minas Gerais (Açominas), acontece como parte de um amplo processo de industrialização conduzido pelo Estado brasileiro durante o regime militar. Esse movimento foi orientado por uma concepção desenvolvimentista que atribuía à indústria de base o papel de motor do crescimento econômico. Em Minas Gerais,

⁵ A análise baseou-se na leitura sistemática das edições dos jornais *O Processo* e *Panorama* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, considerando reportagens, editoriais, colunas e demais conteúdos relacionados à implantação da Açominas (1970 - 1980). A seleção do *corpus* privilegiou matérias que abordavam diretamente o empreendimento, as expectativas e as transformações associadas à sua instalação, buscando identificar recorrências temáticas e enquadramentos narrativos presentes no material analisado. A constituição do *corpus* e os critérios que orientaram sua seleção serão detalhados ao longo da terceira seção, dedicada à análise das representações construídas pela imprensa local acerca do empreendimento.

essa lógica traduziu-se na consolidação de uma política de planejamento econômico e territorial que articulou a exploração de bens minerais, a implantação de grandes empreendimentos industriais e a modernização das redes de transporte, energia e serviços urbanos como eixos centrais do desenvolvimento estadual.

Desde a década de 1950, o estado de Minas Gerais já era disputado como um espaço estratégico para a expansão da siderurgia nacional. Nesse período, destacam-se a instalação da Companhia Siderúrgica Mannesmann, no bairro Barreiro, em Belo Horizonte (1952), e a formação do Aglomerado Urbano do Vale do Aço⁶, impulsionado pela implantação de unidades da Companhia Aços Especiais Itabira (Acesita), em 1944, e das Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas), em 1958. Esses empreendimentos contribuíram para a constituição de vilas e distritos industriais, redefinindo a organização urbana e regional de municípios como Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo, e serviram de referência para projetos posteriores no estado.

⁶ Ipatinga, Timóteo, Coronel Fabriciano e Santana do Paraíso.

A convergência entre incentivos fiscais, disponibilidade de bens minerais e investimentos estatais em infraestrutura no início da década de 1970, favoreceu a instalação de novas usinas siderúrgicas em Minas Gerais. Conforme aponta Diniz (1978), esses fatores foram decisivos na definição da localização de empreendimentos industriais no estado, em consonância com a política econômica nacional, que privilegiava as indústrias de base.

É nesse cenário que a Região do Alto Paraopeba (Figura 01) passa a ser incorporada ao projeto nacional de industrialização, após intensa mobilização política e institucional nas décadas de 1970 e 1980, marcada pela articulação entre o governo estadual, lideranças locais, setor industrial e governo federal. A implantação do parque siderúrgico no Vale do Paraopeba (Figura 02 e 03) teve início em 1976, com a promulgação do Decreto nº 17.773 pelo então governador do estado, Aureliano Chaves, que, sob a justificativa de utilidade pública, declarou passíveis de desapropriação as áreas destinadas à construção do parque industrial, abrangendo os municípios de Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Congonhas e Ouro Preto. Desde seus estágios iniciais, o empreendimento foi am-

⁷ Ver o artigo *Açominas: consolidação do pólo siderúrgico mineiro*, publicado na revista *Análise e Conjuntura* (1976); bem como o estudo *Siderurgia e desenvolvimento agrícola regional: o Projeto da AÇOMINAS*, de Andirana Veiga Resende, na mesma revista. Essa perspectiva é reforçada também na publicação empresarial *A cidade / A usina* (1980) e nos periódicos regionais, *O Processo* e *Panorama*, analisados na presente pesquisa.

plamente divulgado por meio de jornais regionais, revistas especializadas da Fundação João Pinheiro e materiais institucionais produzidos pelo setor industrial, como livros, panfletos e vídeos. Em algumas dessas narrativas, a usina era apresentada como um elemento central para a transformação da região em um polo estratégico da siderurgia nacional, destacando-se os impactos positivos esperados, como geração de empregos, crescimento urbano e modernização da infraestrutura.⁷



Figura 1
Localização de Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete na região do Alto Paraopeba - MG.
Elaboração própria, 2025. Fonte: IBGE, 2024.

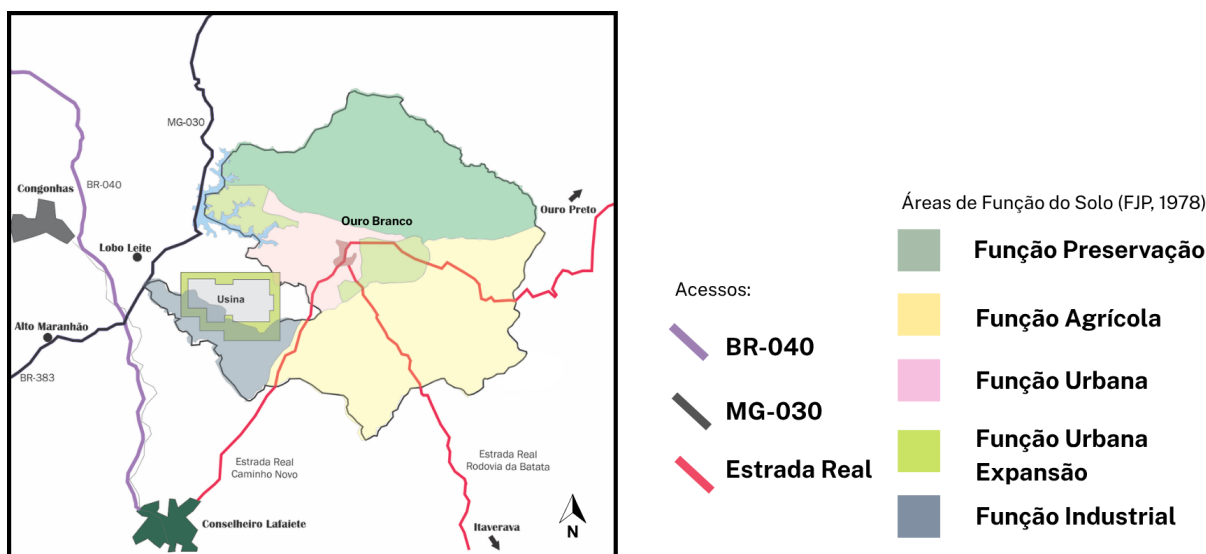


Figura 2
Inserção territorial da Usina em relação à malha urbana de Ouro Branco, Congonhas e Conselheiro Lafaiete. Principais acessos e Zoneamento proposto pela Fundação João Pinheiro para Ouro Branco em 1978. Elaboração própria, 2025. Elaboração própria, 2025. Fonte: FJP, 1978.

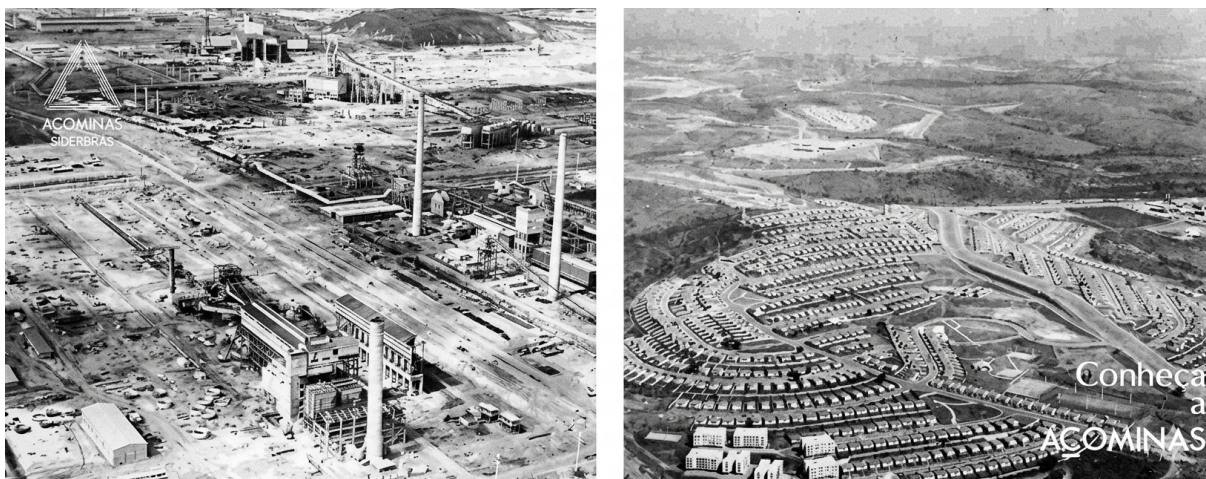


Figura 3

Canteiro de obras da Usina Açominas (A) e Bairro Siderurgia em Ouro Branco-MG (B). Imagem original publicada no panfleto “Conheça a Açominas”. Elaboração própria, 2025. Fonte: Açominas (1980). Acervo do Núcleo de Pesquisas sobre a História e Memória de Ouro Branco – IFMG Campus Ouro Branco.

Mediação midiática: narrativas de desenvolvimento na imprensa regional

Antes de passar à análise de conteúdo propriamente dita, é preciso caracterizar o *corpus* analisado. As matérias veiculadas pelos jornais pesquisados se encontram disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional Digital. Embora editados em Conselheiro Lafaiete (MG) – com redações localizadas na Rua Marechal Floriano Peixoto (*O Processo*) e na Rua Tavares de Melo (*Panorama*) –, ambos os jornais eram impressos em oficinas gráficas de Belo Horizonte. O jornal *O Processo* possui circulação registrada entre 1972 e 1979, com um conjunto de 139 edições disponíveis no acervo. Já o jornal *Panorama* apresenta edições entre os anos de 1978 e 1979, totalizando 42 números preservados.

Inicialmente, realizou-se uma leitura flutuante das 139 edições preservadas de *O Processo* e das 42 edições do jornal *Panorama*, identificando um total de 234 menções diretas à Açominas (150 em *O Processo* e 84 no *Panorama*). A totalidade dessas menções fundamentou a compreensão do contexto histórico e das representações em circulação, uma vez que a recorrência de matérias sobre a Açominas ao longo das edições demonstra a relevância do empreendimento no debate público da época e permite aferir a centralidade que lhe foi atribuída pelos periódicos analisados. A partir desse conjunto, aplicou-se uma amostragem intencional, adotando como critério de inclusão as reportagens que centralizavam a implantação da Açomi-

nas (1970/1980) e que expressavam as expectativas socioeconômicas para a região. Desse processo resultou um *corpus* analítico composto por 16 matérias – oito de cada periódico – selecionadas para análise e discussão neste artigo e que estão relacionadas nas referências documentais ao final do texto.

No que diz respeito à circulação e ao alcance, embora o acervo não forneça dados diretos sobre a tiragem impressa (número de exemplares por edição), o volume de edições preservadas evidencia a consistência desses periódicos, reforçando sua inserção no circuito informativo local. No caso específico do jornal *Panorama*, o “Plano de Trabalho” apresentado logo na 1ª edição, publicada em maio de 1978, informa uma “tiragem extraordinária”, com distribuição para “cerca de 2000 lares” em “107 cidades” (O plano..., 1978, p. 10). Em um contexto marcado por uma menor diversificação dos meios de comunicação, esses jornais podem ser compreendidos como agentes informativos importantes, capazes de alcançar um público representativo, além de ocuparem posição de destaque nos meios sociais e culturais locais.

A inserção do jornal *O Processo* nesta análise fundamenta-se por sua estreita interlocução com os círculos intelectuais locais, em especial estudantes da Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete (FDCL). De acordo com o obituário de Alexandre Antônio Nepomuceno, o periódico, fundado por ele quando ainda cursava a graduação em Direito, reuniu, além de escritores da cidade, alguns colegas de curso. A presença no corpo editorial do periódico de membros da instituição de ensino superior recém-criada – a FDCL teve seu funcionamento autorizado em 1970 – sugere tanto a proximidade das elites com esse veículo como a legitimação, por essa classe, das narrativas nele divulgadas. Nesse contexto, Alexandre Nepomuceno “conseguiu mobilizar toda a população para o momento que Conselheiro Lafaiete atravessava, impulsionado, principalmente, pela expansão industrial na região” (Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, 2009, p. 293).

Em seu editorial de estreia, publicado em 1972, *O Processo* definia-se como um periódico independente, crítico e comprometido com as questões da cidade. A noção de progresso é destacada na capa do jornal, expressa na afirmação de que o jornal adota como “... Bandeira do nosso Ideal: o Progresso de Lafaiete em todos os sentidos e em todas as suas formas” (Nepomuceno, 1972, p. 1). Tal formulação indica a centralidade atribuída à ideia de progresso no periódico, em

consonância com o contexto de transformações econômicas e territoriais intensificadas a partir da década de 1970, quando a implantação de projetos industriais de grande porte passou a tensionar as dinâmicas urbanas e sociais da região.

Na edição de setembro de 1975, ocorre a primeira menção direta à Açominas no jornal, já vinculada à atuação das elites locais, representadas no Conselho Municipal de Desenvolvimento. Ao divulgar o memorial encaminhado ao Governo do Estado, o periódico desloca-se da promessa abstrata para a legitimação de um projeto concreto, afirmando que a “plena concretização da referida Usina” corresponderia às expectativas de uma população de “mais de 200.000 habitantes” (O Conselho..., 1975, p. 5). Observa-se um processo de ancoragem nas expressões adotadas na reportagem, onde a Açominas é associada a sistemas de significação já existentes no contexto local. Ao vincular a implantação da usina às expectativas regionais de crescimento econômico e aumento da população já expressas pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento, o periódico contribui para uma maior adesão ao projeto. Paralelamente, ao se referir à região como a “mais adequada para se criar em Minas Gerais o maior pólo siderúrgico da América Latina” (O Conselho..., 1975, p. 5), o discurso mobiliza um efeito de objetivação ao conferir materialidade e concretude a um projeto ainda em fase de formulação. Esse movimento de supervalorização do empreendimento não apenas reforça sua credibilidade, mas também eleva simbolicamente a região a uma posição de centralidade econômica, naturalizando sua inserção em um horizonte mais amplo de desenvolvimento.

A adesão ao projeto estatal torna-se mais clara nas reportagens e nos conteúdos de caráter informativo dedicados à Açominas. Na edição de fevereiro de 1976, por exemplo, a matéria de capa, intitulada “Açominas: Tudo sobre o Projeto da Nova Usina”, apresenta o empreendimento como eixo estruturador do futuro regional. O texto reúne dados técnicos, mapas de localização e descrições detalhadas da usina, afirmando que “a implantação da Açominas colocará a região do Alto Paraopeba no centro do desenvolvimento siderúrgico nacional” (Açominas..., 1976b, p. 1).

A interpretação de alinhamento do periódico com o discurso estatal é corroborada pelo fato de que parte das informações veiculadas guardam semelhanças com conteúdos posteriormente sistematizados em publicações oficiais, como o livro *Usina/Cidade*, publicado pela Açominas em 1980. Em ambos os casos, a

apresentação do empreendimento se organiza a partir de dados técnicos e projetuais, com ênfase em capacidade produtiva, expansão e planejamento. O periódico informa que se trata de uma “produção inicial de dois milhões de toneladas/ano e de seis milhões de toneladas com a expansão, numa segunda etapa”, enquanto também detalha que “uma usina de 2.000.000 t/ano em sua primeira etapa [...] prevê sua expansão para 6.000.000 t/ano, numa segunda etapa” (Açominas..., 1976b, p. 2). Essa forma de apresentação, centrada na lógica de etapas e ampliação progressiva, coincide com a estrutura narrativa dos materiais oficiais divulgados pela empresa, ou seja, ambos apresentam o projeto em termos de expansão planejada da capacidade instalada.

Essa convergência na forma de divulgar as informações pode ser identificada no jornal *O Processo*, em sua publicação de 1976, na qual anuncia que a usina será equipada com “um Alto-Forno de 2.700 m³ [...] e uma Aciaria com dois convertedores de 200 t por corrida”, além de enfatizar parâmetros de operação e eficiência, como o fato de que “todas as unidades de laminação foram acrescidas de 20% de folga do plano mestre de produção” (Açominas..., 1976b, p. 2). A narrativa essencialmente técnica segue a mesma lógica das publicações oficiais da empresa. Na mesma edição, o jornal ainda anuncia que “o objetivo da AÇOMINAS é produzir, na primeira etapa, perfis leves, médios e tarugos e, na segunda, bobinas e chapas finas a quente” (Açominas..., 1976b, p. 1), ou seja, um discurso ancorado em termos de metas produtivas e especialização industrial. A recorrência desse vocabulário – centrado em capacidade e eficiência – evidencia a adoção de uma abordagem discursiva técnico-institucional distanciada dos impactos socio-territoriais que o empreendimento viria a causar na vida cotidiana das comunidades da região, diferentemente do que o jornal afirma ter como objetivo em sua edição inaugural de 1972 (comprometer-se com as questões da cidade).

A imagem de localização da usina publicada na capa da edição número 57 do jornal *O Processo*, em 1976, reproduz o mesmo esquema gráfico adotado em um artigo técnico da Fundação João Pinheiro, reforçando a articulação entre a imprensa local e o discurso técnico estatal (Figura 04). No texto que acompanha a imagem, na seção intitulada “A Usina”, são detalhadas a localização, a logística e as condições de abastecimento do complexo industrial, em uma linguagem que sugere objetividade técnica. Ao justificar a escolha do local, o periódico afirma que “a localização da Usina é

a ideal porque com pequenos ramais ferroviários ela estará ligada a um tempo, à Rede Ferroviária Federal, à Estrada de Ferro Vitória-Minas e, através da BR-3 (Belo Horizonte-Rio), a todo o sistema rodoviário nacional” (Açominas..., 1976b, p. 2). A ênfase na integração logística e na extensa rede de fornecimento de insumos contribui para construir uma representação técnica da grandeza operacional do empreendimento. Tal descrição, ao mobilizar uma enumeração detalhada e abrangente, reforça um efeito de objetividade (Moscovici, 2001), na medida em que transforma um projeto ainda abstrato em uma realidade aparentemente concreta e verificável.

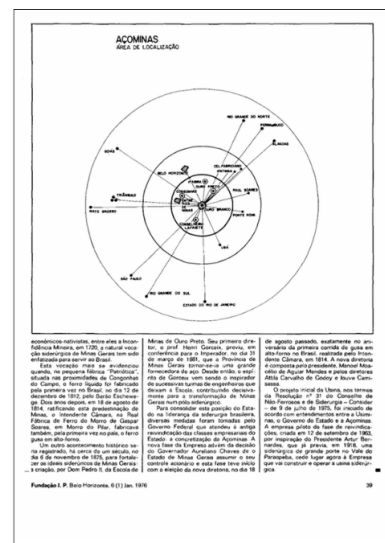


Figura 4 (A) Exemplar do jornal *O Processo* (Conselheiro Lafaiete), 1976b, nº 57, p. 1. (B - C) Artigo publicado pela Revista *Análise e Conjuntura* da Fundação João Pinheiro, 1976, p. 36, 39. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Biblioteca Digital da Fundação João Pinheiro.

Esse nível de detalhamento técnico, que inclui capacidade de produção, equipamentos, localização e organização produtiva, reproduz o mesmo enquadramento encontrado nas publicações institucionais nas quais o empreendimento é descrito a partir de sua racionalidade operacional e de seus parâmetros de desempenho e nunca a partir do questionamento dos impactos sobre a realidade local. Nesse sentido, mais do que informar, o jornal contribui para a circulação e estabilização de um modo específico de apresentar o empreendimento, alinhado às formas de enunciação produzidas pelos próprios agentes responsáveis por sua implantação.

No editorial do jornal *O Processo*, de fevereiro de 1976, intitulado “Açominas ou uma rajada de balas”, a

adesão ao empreendimento fica ainda mais evidente: "a Açominas representa uma oportunidade histórica que não pode ser desperdiçada" e "os sacrifícios iniciais serão amplamente compensados pelo progresso que se anuncia" (Nepomuceno, 1976, p. 2). Esses trechos reproduzem discursos impregnados da ideia de inevitabilidade do projeto e da naturalização de seus impactos. Ao reconhecer a existência de "sacrifícios iniciais", o jornal admite conflitos e custos sociais, mas os reinterpreta como etapas necessárias e transitórias, sem qualquer aprofundamento nessa temática. Dessa maneira, o discurso adotado contribui para deslocar o debate sobre os desafios e impactos do empreendimento para a necessidade de adaptação da população local frente às transformações decorrentes.

Essa lógica discursiva também pode ser identificada nos anúncios imobiliários veiculados pelo jornal. Numa propaganda do Residencial Sion (Figura 05), publicado em fevereiro de 1976, a cidade de Conselheiro Lafaiete é apresentada como "Cidade do Progresso", associada às ideias de bem-estar, qualidade de vida e modernidade impulsionadas pela industrialização (Em Lafaiete..., 1976a, p. 1). Expressões como "Uma nova maneira de viver bem" e referências a modernas técnicas urbanísticas sugerem uma imagem de cidade alinhada aos padrões de consumo e moradia de um ambiente de progresso. Nesse sentido, a publicidade imobiliária reforça um ideal de desenvolvimento advindo dos grandes projetos industriais sobre a esfera prática dos modos de vida cotidianos e do habitar (Em Lafaiete..., 1976a, p. 7).



Figura 5 Exemplos do jornal *O Processo* (Conselho Lafaiete), (A - B) 1976a, nº 56 e (C) 1978, nº 100. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As matérias que tratam da implantação da Açominas associam a presença da siderúrgica à ideia de dinamização regional, geração de empregos e inserção do território em um circuito mais amplo de desenvolvimento econômico. O título "Ainda a Açominas", sugere a centralidade do tema na agenda do jornal e reforça a percepção de importância dada ao empreendimento. Nas reportagens, a imagem da Açominas é vinculada à atuação do Estado e em referência a programas governamentais, investimentos em infraestrutura e ações de órgãos públicos. Ao destacar visitas de autoridades, anúncios de recursos e decisões administrativas, o jornal contribui para dar visibilidade ao projeto como política pública estratégica (Ainda..., 1976c, p. 1, 7).

Apesar do tom predominantemente otimista que marca a cobertura do jornal *O Processo* sobre a implantação da Açominas, algumas reportagens, ainda que em menor quantidade, descrevem conflitos e tensões decorrentes da rápida transformação territorial que ocorria em Conselheiro Lafaiete e Ouro Branco. Entretanto, mesmo quando mencionados esses impactos, o enquadramento adotado no texto tende a ser no sentido de neutralizar esses conflitos. Como na edição número 101, que traz em sua capa, de forma justaposta, as seguintes manchetes: "Perdemos nosso abrigo" e "É o progresso: Açominas e suas consequências" (É o Progresso..., 1978, p. 1). A reportagem sobre a demolição do tradicional abrigo de ônibus da Praça Barão de Queluz destaca a perda de um equipamento urbano dotado de valor simbólico e afetivo para a população local, associando sua destruição à necessidade de reorganização do espaço urbano e ao aumento do tráfego. Essa narrativa, contudo, é imediatamente relativizada pelo enunciado subsequente, que a reinsere no horizonte do progresso.

Nesse movimento, observa-se um processo de ancoragem (Moscovici, 2001), em que a experiência concreta da perda é interpretada a partir de uma categoria legitimadora mais ampla. Ao mesmo tempo, a materialidade dessas transformações – demolições, circulação de veículos, reconfiguração urbana – contribui para a objetivação do desenvolvimento, tornando-o visível e tangível no cotidiano. Assim, a sobrecarga na infraestrutura urbana, a falta de adequação dos serviços públicos e a especulação imobiliária aparecem como efeitos secundários diante dos benefícios projetados. Em contraste, o artigo "O Fantasma do Progresso", de Fernando Lana, explicita essas tensões ao afirmar que "a desfreada especulação imobiliária é hoje uma realidade" e que "os sucessivos acidentes de

trânsito registrados [...] denunciam a implantação do maior parque siderúrgico da América Latina” (Lana, 1978, p. 3). Ainda que essa leitura aponte para os limites do modelo em curso, no conjunto da cobertura tais conflitos não se consolidam como questionamento estrutural, sendo frequentemente reabsorvidos por representações que naturalizam os custos do desenvolvimento ao vinculá-los a objetivos mais amplos de progresso.

Já a análise do jornal *Panorama* – fundado na transição entre as décadas de 1970 e 1980 – permite observar o amadurecimento das narrativas nessa mesma direção. A análise de suas edições revela como o discurso acerca da implantação da Açominas foi ampliado e consolidado em escala regional, conferindo continuidade e maior abrangência ao que já se delineava no jornal *O Processo*. Enquanto este último concentrava-se, sobretudo, nas transformações urbanas e políticas vividas em Ouro Branco e, em especial, em Conselheiro Lafaiete, o *Panorama* se propunha a oferecer uma visão ampliada de toda a região do Alto Paraopeba. Essa perspectiva aparece na forma como o jornal se apresenta ao leitor, ao anunciar-se como veículo de “notícias das 22 cidades que integram a microrregião do Vale do Alto Paraopeba”.

Nessa perspectiva, a Açominas é tratada como eixo articulador regional e, em algumas edições do jornal, ocupa posição de destaque nas projeções sobre o futuro da região. Na reportagem “Os anos 80 marcarão o início da produção e expansão da Açominas” o jornal apresenta o empreendimento como estruturador de um novo ciclo econômico, associando a entrada em operação da siderúrgica à ideia de crescimento sustentado, e afirmando que a década seguinte seria marcada pela consolidação da região como pólo industrial (Os anos 80... 1978, p. 3.). Essa leitura otimista é reforçada pela inserção da Açominas em um cenário internacional. Na matéria intitulada “Moacélio diz em Londres que a Açominas atinge 10 milhões/T”, o empreendimento é apresentado como objeto de interesse externo, capaz de projetar Minas Gerais no circuito global da siderurgia. Segundo o jornal, o projeto “desperta interesse internacional e consolida o Estado como referência na produção siderúrgica” (Moacélio..., 1978, p. 3.).

Mesmo quando surgem referências a aspectos potencialmente problemáticos, como em “Custos por tonelada de aço da Açominas já é de US\$ 1.200” (Custos..., 1978, p. 3.), o tratamento permanece técnico e despolitizado, já que, no contexto industrial, cus-

tos elevados por tonelada de aço podem indicar baixa competitividade do empreendimento frente a outras unidades produtivas. Ainda assim, a menção a esse dado não se desdobra em uma problematização mais ampla. Os elevados custos são apresentados como desafios operacionais próprios de empreendimentos desse porte, sem discutir os impactos sociais decorrentes, tais como desemprego e diminuição da renda das famílias. Essa abordagem preserva a legitimidade do projeto e reafirma a confiança na racionalidade técnica e no planejamento estatal.

Em matérias como "Em andamento as obras do Alto Forno da Açominas" (Em andamento..., 1978, p. 1.), o processo de implantação da usina é apresentado por meio de uma linguagem técnica, centrada em etapas



Figura 6 Exemplos do jornal *Panorama* (Vale Alto Paraopeba), (A) 1978, ed. 05; (B) 1978, ed. 29 e (C) 1979, ed. 38. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

produtivas, prazos e procedimentos operacionais. Essa abordagem também estrutura a reportagem "O que você precisa saber sobre a Açominas" (O que você..., 1978, p. 3.), que organiza informações sobre a capacidade produtiva, a estrutura industrial e as projeções econômicas do empreendimento. Em ambas, expressões como "importância estratégica" e "desenvolvimento do Alto Paraopeba" reforçam a associação direta entre industrialização e crescimento regional, naturalizando a usina como eixo do progresso local.

As matérias também destacam a atuação do Estado e de agentes institucionais vinculados ao projeto. Em textos como o da matéria "Missão técnica da Açominas

vai vender perfis à Espanha” (Missão técnica..., 1978, p. 3.), a presença de órgãos públicos e representantes da empresa é mencionada como parte de uma estratégia de expansão produtiva e inserção internacional. A narrativa privilegia os aspectos administrativos e técnicos dessas ações, consolidando a articulação entre Estado e empresa.

Na edição em que se destaca a manchete “A Açominas inicia recrutamento na região de Ouro Branco” (A Açominas..., 1979, p. 10), observa-se a consolidação de um novo momento – a passagem do projeto industrial do campo das expectativas para o da operacionalização. O recrutamento de trabalhadores é apresentado como evidência do avanço do empreendimento, como sinal direto de geração de empregos e de progresso regional. A imagem do canteiro industrial que acompanha a reportagem opera como elemento discursivo complementar. A fotografia das estruturas metálicas em construção associa visualmente a Açominas à modernidade e ao avanço tecnológico, reforçando a legitimação simbólica do empreendimento (Figura 06 - C).

Essa abordagem não se limita a uma edição específica, uma vez que o conjunto das oito matérias analisadas do jornal *Panorama* reitera o mesmo enquadramento ao tratar a expansão da usina, a ampliação da infraestrutura e o aumento da oferta de empregos como indicadores de desenvolvimento. Em reportagens sucessivas, o periódico organiza o noticiário em torno de marcos técnicos e projeções futuras, estruturando uma narrativa de avanço contínuo. Nesse processo, observa-se novamente a estratégia de ancoragem, ao associar sistematicamente o empreendimento a categorias legitimadas socialmente – como crescimento econômico, geração de empregos e modernização –, convertendo transformações complexas em sinais reconhecíveis de progresso. Paralelamente, a recorrência de dados, etapas de implantação e previsões contribui para um efeito de objetivação, ao conferir materialidade e concretude a um processo ainda em curso, fazendo com que o desenvolvimento seja percebido como algo já certo. Assim, a industrialização é apresentada menos como um processo social passível de disputa e mais como uma trajetória inevitável, o que estabiliza uma leitura consensual sobre as transformações territoriais em curso, associação típica do período da ditadura militar no Brasil.

Esse padrão discursivo revela que tanto o jornal *O Processo* quanto o *Panorama* não apenas noticiam a Açominas, mas operam como agentes na construção

de representações sociais sobre progresso, modernidade e desenvolvimento associadas à implantação da usina. Ambos os jornais convertem o empreendimento em símbolo de identidade regional e destino coletivo, legitimando todo o processo. O progresso, objetivado na figura da siderúrgica, torna-se uma narrativa de futuro que esconde as tensões do presente e confere à Açominas o *status* de projeto inquestionável para a sociedade local.

Considerações Finais

A análise de conteúdo dos jornais *O Processo* e *Panorama* indica que a implantação da Açominas foi acompanhada, em ambos os periódicos, por uma cobertura jornalística que buscou sua ancoragem em discursos técnicos e otimistas sobre o processo de industrialização da região. Fundado em 1972, *O Processo* antecede a execução efetiva do empreendimento e acompanha seus momentos iniciais de formulação e anúncio, influenciando a construção de expectativas positivas para Conselheiro Lafaiete e Ouro Branco. Nesse contexto, adota uma narrativa que privilegia promessas de progresso e reconfigurações futuras do território e da economia regional.

Já o *Panorama*, criado em 1978, insere-se em uma etapa distinta, quando a implantação da usina já se encontrava em curso. Sua cobertura desloca-se, assim, de um horizonte predominantemente projetivo para um registro que combina o acompanhamento da implantação do empreendimento com objetivação das representações sociais otimistas de seu impacto para a região. Ao se apresentar como veículo voltado ao conjunto das cidades do Vale do Alto Paraopeba, o *Panorama* passa a inscrever a Açominas como elemento estruturador de uma dinâmica regional mais ampla. Mais do que uma diferença de escala, trata-se de uma mudança de posição no tempo do processo e, consequentemente, nas formas de narrar o empreendimento.

Apesar dessas distinções, ambos os jornais convergem na construção de uma narrativa marcada pelo predomínio de um vocabulário técnico, por um tom otimista e pela baixa problematização dos efeitos sociais e territoriais da industrialização. Nesse sentido, contribuem para criar uma representação social positiva da siderurgia, associando-a sistematicamente às ideias de progresso, modernização e integração regional, e naturalizando os impactos de sua implantação como efeitos necessários. Esse enquadramento discursivo também se caracteriza pela ausência de

matérias que deem visibilidade à percepção da população local, que incentivem o debate público ou que problematizem conflitos sociais, impactos ambientais e tensões políticas decorrentes da implantação de empreendimentos desse porte. É preciso registrar que tal processo se insere em um período de ditadura militar, marcado por estratégias de dominação associadas ao discurso de progresso e desenvolvimento econômico. Tal silenciamento, portanto, não deve ser compreendido como simples lacuna informativa, mas como uma escolha discursiva que privilegia a construção de uma representação social específica, voltada para a crença na transformação social e econômica, que, no entanto, não se confirma plenamente nos dados demográficos posteriores. Enquanto as projeções da época apontavam para um crescimento expressivo da região, observa-se que Ouro Branco passou de 2.409 habitantes urbanos em 1970 para 27.423 em 1990, número bastante inferior às estimativas para a década de 1980, que previam 130 mil habitantes. De modo semelhante, Conselheiro Lafaiete, embora apresente crescimento – de 45.507 em 1970 para 89.959 em 1990 –, também não atinge as projeções que indicavam mais de 120 mil habitantes em meados dos anos 1980 (FJP, 1978). Corroborando o que destaca Moscovici (2001), não há neutralidade na representação.

Ao se considerar que a industrialização, para além de processo econômico e territorial, constitui-se também como processo discursivo e ideológico, compreende-se que a imprensa regional não apenas registrou a implantação da usina, mas participou ativamente da construção simbólica de sua legitimidade. Ao privilegiar representações positivas associadas ao empreendimento e, simultaneamente, limitar a presença de conteúdos que incorporassem as percepções da população local ou problematizassem conflitos, contradições e assimetrias implicadas pelo projeto, o discurso jornalístico contribuiu para uma escrita parcial da história sobre o projeto da Açominas na região do Vale do Paraopeba. Sustentados por uma boa inserção local, os dois jornais favoreceram o esvaziamento da discussão em torno do projeto na medida em que converteram impactos sobre a memória e a vida local em naturalizações, apresentadas como necessárias ao bem comum.

Ao acionar esses mecanismos, a imprensa atenuou possíveis resistências ao projeto. A conversão de incertezas técnicas em enunciados apresentados como evidências incontestáveis visava transformar interpretações em verdades de senso comum. Assim, a nova realidade industrial era apresentada como necessária

e praticamente incontornável. No caso da implantação da Açominas, o discurso do desenvolvimento cumpriu precisamente essa função mediadora, ao revestir o empreendimento industrial de valores associados ao progresso, à modernização e ao nacionalismo. Como estratégia, a Açominas foi reiteradamente associada a valores já consolidados no imaginário local, ancorada em referências familiares e socialmente legitimadas e sendo apresentada menos como uma ruptura e mais como continuidade de uma trajetória histórica local. Como resultado, deixa de figurar como um projeto entre outros possíveis para se afirmar como realidade necessária e evidente. Nesse enquadramento, o discurso jornalístico não apenas promove o empreendimento, mas contribui para estabilizar uma leitura específica do processo, na qual conflitos e tensões tendem a ser esvaziados. As análises sugerem, portanto, que, no caso da implantação da Açominas, o discurso jornalístico materializado nos periódicos analisados desempenhou papel ativo na construção de representações sociais acerca do empreendimento, objetivando nele os sentidos do desenvolvimento regional por meio da industrialização.

Referências bibliográficas

ACADEMIA DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CONSELHEIRO LAFAYETTE. *Anuário ACLCL: período de dezembro de 2008 a outubro de 2009*. Conselheiro Lafaiete: ACLCL, 2000. Disponível em: <https://acervo.accl.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/207/228/Anuario-ACLCL-dez2008-out2009.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2026.

AÇOMINAS. *A cidade / A usina*. Assessoria de Comunicação Social. Belo Horizonte, 1980.

AMORIM, M. A.; GODINHO, L. 1960 - 1969: Fundação João Pinheiro - A ideia de planejamento em Minas Gerais. In: SHIKIDA, A. M. S. (org.). *Fundação João Pinheiro: 50 anos de história e memória: trajetórias de trabalho, projetos e contribuições para o desenvolvimento de Minas Gerais*. 2022.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, p. 1-58, 1989.

COSTA, H. S. M.; MENDONÇA, J. G. O legado do 20 Plambel: novas leituras sobre a metrópole e o direito à terra e à cidade. In: CHIQUITO, E.; COSTA, H. S. M.; FERNANDES, E. (org.). *RMBH 50 anos: história e memória: planejamento metropolitano a partir do Plambel*. 2023.

DINIZ, C. C.; *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte: CE-DEPLAR/FJP (Dissertação de mestrado), 1978.

EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Silvana Vieira e Jorge R. de Almeida. São Paulo: Editora Unesp: Boitempo, 1997. e Bardin, das matérias veiculadas pelos jornais.

FACULDADE DE DIREITO DE CONSELHEIRO LAFAIETE (FDCL). *Nossa história*. Conselheiro Lafaiete, [s.d.]. Disponível em: <https://fdcl.com.br/site/a-fdcl/nossa-historia/>. Acesso em: 9 abr. 2026.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Termos de referência para ocupação do solo*. Belo Horizonte: FJP, 1978.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere (Vol. II)*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Organização e introdução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GODOY, M. M.; BARBOSA, D. H. D.; BARBOSA, L. S. *Da arte de conhecer as doenças: o Diagnóstico da Economia Mineira de 1968 e o planejamento do desenvolvimento de Minas Gerais*. Nova Economia, Vol. 20. 2010.

MARX, K; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner*. Trad. Milton Camargo Mota. - Petrópolis, RJ. Vozes, 2019.

MILAGRE, A. *No natalício do Professor Alberto Libânio Rodrigues*. Blog do Alex Milagre, 23 abr. 2009. Disponível em: <http://allexmilagre.blogspot.com/2009/04/no-natalicio-do-professor-alberto.html>. Acesso em: 24 mar. 2026.

MOSCOVICI, Serge. *A representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *The phenomenon of social representations*. In: FARR; MOSCOVICI (org) *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MOSCOVICI, Serge. *Social Representations*. Explorations in Social Psychology. New York: New York University Press, 2001.

Fontes documentais

A AÇOMINAS inicia recrutamento na região de Ouro Branco. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 38. p. 10, fevereiro de 1979. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829595&Pesq=acominas&id=459506127543&pagfis=328>

AÇOMINAS, Tudo sobre o projeto da nova usina. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano IV, n. 57, p. 1 e 2, fevereiro de 1976b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1976_00057.pdf

AINDA a Açominas. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano IV, n. 58, p. 1 e 07, março de 1976c. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1976_00058.pdf

CUSTOS por tonelada de aço da Açominas já é de US\$ 1.200. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 03. p. 3, junho de 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829595&Pesq=acominas&id=1820106380579&pagfis=23>

EM ANDAMENTO as obras do Alto Forno da Açominas. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 05. p. 1, junho de 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829595&Pesq=acominas&id=1820106380579&pagfis=41>

EM LAFAIETE, Novo surto de progresso "Residencial Sion". *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano IV, n. 56, p. 1 e 07, janeiro de 1976a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1976_00056.pdf

É O PROGRESSO: Açominas e suas consequências. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano VI n. 101, p. 1, abril de 1978. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1978_00101.pdf

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Açominas: consolidação do pólo siderúrgico mineiro. In: *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, jan. 1976. 99 p. Disponível em: <https://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=51430&codUsuario=0>.

LANA, Fernando. O Fantasma do Progresso. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano VI, n. 101, p. 3, abr. 1978. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1978_00101.pdf.

MISSÃO TÉCNICA da Açominas vai vender perfis à Espanha. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 04. p. 1, junho de 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829595&Pesq=acominas&id=1820106380579&pagfis=35>

MOACÉLIO diz em Londres que a Açominas atinge 10 milhões/T. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 02. p. 3, maio de 1978. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829595/per829595_1978_00001.pdf

NEPOMUCENO, Alexandre Antônio. Editorial. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 01. 1972, 30 de Junho de 1972. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1972_00001.pdf

NEPOMUCENO, Alexandre Antônio. Editorial Açominas ou uma Rajada de Balas. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano IV, n. 57. 1976, fevereiro de 1976. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829587/per829587_1976_00057.pdf

O CONSELHO Municipal de Desenvolvimento e o Plano Siderúrgico do Parque Industrial. *O Processo*, Conselheiro Lafaiete, ano III, n. 50, p. 5, setembro de 1975. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829587&Pesq=acominas&id=5185405053064&pagfis=391>

O PLANO de Trabalho Desta 1ª Edição. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 01. p. 1, maio de 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829595&Pesq=a%c3%a7omina &id=4969304467999&pagfis=10>

O QUE VOCÊ precisa saber sobre a Açominas. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 06. p. 3, julho de 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829595&Pesq=acominas&id=1820106380579&pagfis=51>

OS ANOS 80, marcarão o início da produção e expansão da Açominas. *Panorama*, Conselheiro Lafaiete, ano I, n. 02. p. 3, maio de 1978. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/829595/per829595_1978_00001.pdf

RESENDE, Adriana Veiga. Siderurgia e desenvolvimento agrícola regional: o Projeto da Açominas. In: *Análise e Conjuntura: impactos de um projeto siderúrgico*, Belo Horizonte, 1979. Disponível em: <https://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=51492&codUsuario=0>